

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA ALUNOS DO FUNDAMENTAL I e II

Lupércio Aparecido Rizzo¹
Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio²
Comunicação oral - GT Filosofia

A reflexão apresentada neste trabalho refere-se ao ensino de filosofia para crianças, suas implicações, pressupostos e expectativas. O ponto focal deste texto reside em três questões fundamentais para a análise desse assunto. São elas: o que se entende por filosofia? A definição de filosofia e o seu ensino dependem totalmente do professor que se ocupa desse trabalho? E sobre o quê e como se ensinam conteúdos ou se desenvolvem competências ou habilidades nas aulas de filosofia? Esse esforço de pensamento se dá a partir de um trabalho de formação em Filosofia com crianças na região do ABC paulista conduzido por nós e por outros colegas. Do ponto de vista teórico, valemo-nos de Matthew Lipman e, no horizonte da didática e das implicações a que está sujeito o ensino da filosofia, a conversa se dá com as análises de Renata Lima Aspis, a partir do seu artigo intitulado “Problematização de alguns pressupostos do ensino de filosofia para jovens”. O trabalho se volta ainda para a prática do professor de filosofia com vistas às habilidades e competências que são desenvolvidas nessa disciplina, e para isso se alicerça mais uma vez em Matthew Lipman, desta vez dialogando com o texto “Aprender a investigar na educação básica” do Professor Marcos Antonio Lorieri, um dos pioneiros no trabalho de filosofia com crianças no Brasil, juntamente com o extinto Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças – CBFC. Dessa forma, o que se pretende é lançar luz sobre uma prática existente em um número considerável de instituições de ensino espalhadas pelo país com vistas a contribuir para as análises acerca da potencialidade e limitações que a caracterizam.

Palavras – chave: Filosofia – Didática – Ensino - Crianças

¹ Lupércio Aparecido Rizzo. Professor de filosofia no ensino fundamental no Colégio ESI São José e da pós-graduação no SENAC-SP.

² Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio. Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

PARA COMEÇAR A CONVERSA

É senso comum a crença de que a escola de hoje não é a mesma de outros momentos, que a violência está imbricada com as instituições de ensino de forma quase irremediável e que a qualidade do aprendizado vem diminuindo sistematicamente. A primeira parte da frase é, na verdade, uma obviedade, posto que é lógico que a escola de hoje não é a mesma de outros momentos, assim como na sociedade nada o é; trata-se do processo natural da vida.

Quanto à qualidade, a discussão é mais complexa, uma vez que devem ser analisados não apenas os indicadores, mas também a forma como são construídos os instrumentos e sobre quais princípios educacionais e políticos eles são erguidos.

No aspecto segurança e violência, a análise também precisa ser feita com critérios, isso porque comparar números de hoje com os dados de outros momentos implica levar em conta a facilidade de informação e de documentação de fatos marcantes no mundo contemporâneo. Diversos fatores devem ser considerados e, a rigor, esse não é o foco desse trabalho.

Porém, esse início tem como intenção provocar uma análise acerca das mudanças da sociedade que estão cada vez mais no âmago da escola, uma vez que a primeira interfere na segunda, que por sua vez alimenta a primeira. Isto é, a escola reflete a sociedade porque faz parte da mesma, por seu turno, a escola molda a sociedade porque fornece os indivíduos e a forma de pensar para o universo social. Trata-se de um movimento recursivo que se retroalimenta.

Posto isso, uma afirmação pode ser feita de forma mais enfática: a sociedade tem estado cada vez mais pragmática, e a reboque disso, a escola também. Nesse ponto é que a Filosofia tem seu espaço ou sua eficácia colocada em xeque.

Não há muito o que se discutir no que tange à constatação de que há uma interferência cada vez maior do mercado e de seus valores na formatação dos sistemas e currículos educacionais. Dada essa condição, a questão que se coloca sobre o que se aprende nas escolas recai sobre a utilidade prática dos conhecimentos.

Dá-se valor àquilo que pragmaticamente parece interessante. Por conta disso, as questões que emergem e sobre as quais de fato esse texto vai se debruçar são: O que se entende por Filosofia? A disciplina tem a face do professor e sua visão de mundo? Como e o que ensinar nas aulas de Filosofia?

Do ponto de vista dessa reflexão, vamos trabalhar com a tese de que a Filosofia é a busca dos conceitos e que é nesse sentido que ela se insere no ensino fundamental e médio nas escolas.

O QUE SE ENTENDE POR FILOSOFIA?

Não se descarta aqui – e nem poderíamos – a presença da disciplina como espaço instrumentador para uma formação que permita a prática da cidadania e da autonomia para o trânsito na sociedade por parte do egresso do ensino médio. Isso se dá, inclusive, atendendo o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Contudo, trabalhamos aqui com a premissa de que essa orientação é tão ampla que acaba permitindo tantas interpretações quanto possível.

As crianças têm, naturalmente, uma grande curiosidade para com o mundo e para com as coisas que as cercam, sejam elas concretas ou abstratas. A busca pelos conceitos e pelas relações que as descobertas têm com o todo em que vivemos em muito interessam os alunos, especialmente no início do processo escolar.

Não obstante, o sistema educativo é organizado de forma a trabalhar muito mais com as respostas do que com o processo de busca natural da pergunta, o que, de alguma forma, pode ser chamado de filosófico.

As crianças entram na educação ávidas por aprender, curiosas e confiantes. Mas muitas delas acham o processo sem sentido na medida em que percorrem o sistema e, quando isto acontece, tornam-se progressivamente mais apáticas e sem esperança. (LIPMAN, 1990, pág. 66)

Dessa forma, se entendermos que a Filosofia é a busca de conceitos, podemos inferir que todas as disciplinas poderiam ter abordagens filosóficas dos seus respectivos conteúdos, mas é necessário compreender que as exigências que se faz à educação e as condições em que a mesma ocorre inviabilizam uma abordagem desse tipo para todos os conteúdos.

O fato é que muitas disciplinas possuem seus conteúdos fechados em si mesmos, e que a Filosofia tem características e pressupostos que a colocam em outro paradigma, segundo Pagotto-Euzebio:

A Filosofia então pode ser entendida como uma questão de modo: ao aproximarmos-nos daquilo que é dado, não importa o que seja e nem os domínios aos quais pertença (científico, político, moral, literário...), o exercício filosófico deve nos permitir tomá-lo na sua essência de uma maneira diversa. Essa maneira diversa é aquela que aponta para exigências ou potencialidades que estão para além dos limites de qualquer discurso de competência, ou disciplina fechada (no sentido que a biologia, por exemplo, é fechada em seus pressupostos, e percorre um itinerário que não passa pelo juízo ético, por exemplo. A questão ética se coloca somente a partir de uma visada filosófica, mais ou menos fundamentada.). O discurso de competência, em qualquer área, só propõe questões que possa resolver: Sabe-se muito sobre o modo como as ferramentas são feitas, mas o seu uso não é a principal preocupação do fabricante. (Pagotto-Euzebio, 2007).

O que se afirma, então, é que mesmo que disciplinas outras, que não a Filosofia, busquem nas suas práticas uma postura filosófica, isso não acontecerá como, em tese, acontece na aula de Filosofia, especificamente falando. Isso se dá em virtude da possibilidade de problematização e da natural visão interdisciplinar que a marca.

Temos apontado para uma possível resposta do que seria a Filosofia no ensino fundamental: uma busca por conceitos à luz de uma postura interdisciplinar, isto é, não restrita a seus pressupostos e conhecimentos específicos. Note-se que estamos tratando, aqui, da Filosofia no ensino fundamental.

Nesse ponto, nos valem da célebre frase de Kant, “Não se ensina Filosofia, se ensina filosofar”. Trazendo para o contexto do nível educacional sob o qual nos detemos nesse trabalho, destacamos que defendemos e acreditamos em um espaço, aula, ambiente – o nome não é o mais importante – onde se pratique a Filosofia. Dito de outra forma, o espaço da discussão filosófica. Por outro lado compreendemos também que uma vez ensinando a filosofar, estaríamos ensinando filosofia – uma coisa não funciona sem a outra. Acreditamos numa relação dialógica.

O cerne da questão em nosso entendimento é a manutenção do firme propósito de buscar os conceitos ou os fundamentos sempre, tentar sair da obscuridade e caminhar no sentido de um pensamento mais amplo.

A DISCIPLINA TEM A FACE E A VISÃO DE MUNDO DO PROFESSOR?

Quando um professor ingressa em uma sala de aula leva consigo toda uma história. Certa vez, ainda na graduação em Pedagogia, um professor de Filosofia da educação nos disse que, quando um docente traz nas costas, fazendo uma analogia com o Papai Noel, um saco ou um mundo de conhecimentos, carrega parte da produção histórica e intelectual da humanidade, suas experiências pessoais, suas expectativas e angústias, carrega também outras coisas que provavelmente nem saiba ou perceba.

Vale lembrar que o processo de ensino não é uma ciência exata, isso significa que o aluno não aprende exatamente aquilo que o professor pretende que ele aprenda, pode até acontecer isso, mas certamente outros aprendizados ocorrem e outras mensagens são captadas pelos alunos sem que o professor saiba ou intencione.

Parece-nos, portanto, vazia de conteúdo a afirmação de que a Filosofia poderia ser “diminuída” ou empobrecida na medida em que o professor dá a ela a sua feição, afirmamos isso tendo como alicerce a convicção de que isso de fato ocorre, mas não apenas na Filosofia; em todas as áreas do conhecimento.

É consenso que a educação é um ato ou ação com forte viés político. A cada exemplo dado, comparação feita, escolha de metáforas ou analogias, o professor está se posicionando.

Posto isso, nos parece que discutir sobre a personificação do ensino de filosofia é irrelevante, essa possibilidade – perigosa, sim – existe para qualquer disciplina. O docente de artes, por exemplo, pode ter afeição por uma ou outra corrente artística, o professor de história pode ser passional em relação a certos fatos da história e assim por diante.

Mais do que se preocupar com a possível posse da disciplina por parte do professor e com a chance de o mesmo dar a ela uma só visada, devemos sim nos preocupar com o preparo que esse docente deve ter para o trabalho e, mais que isso: Que tipo de conhecimento ou em quê ele deveria se preparar para atuar junto às crianças com o ensino de filosofia.

Não devemos perder de vista que ao longo deste trabalho afirmamos que a filosofia é a busca de conceitos, a busca de fundamentos para as coisas da vida.

Não se trata de procurar uma neutralidade ou imparcialidade ante os problemas sociais que vivemos, mas sim de não limitar-se a eles, deixemos

isso para as ciências que tratam especificamente disso. Trata-se, portanto, para a filosofia, não de neutralidade ou isenção, mas de poder transcender o dado e a teoria para alcançar o conceito. (Aspis, 2005.p.05)

Não é tarefa do professor, segundo compreendemos a educação, especialmente a filosófica, ensinar a pensar, isso porque assim o fazendo ele certamente estará limitando a liberdade de pensamento do aluno (por concebê-lo, assim, incapaz de pensar sozinho). Cuidado especial deve ser dado ao risco muito grande de a aula acabar virando uma roda de bate-papo ou uma terapia em grupo.

Em relação ao bate-papo, o que ocorre é que muitas vezes as aulas de filosofia acabam se tornando um espaço para conversas alheias a qualquer objetivo pedagógico, os alunos muitas vezes preferem conversar sobre assuntos que para eles parecem, e realmente talvez sejam, mais interessantes. Nesses casos, o que pode haver é uma relativa acomodação do professor ou um distanciamento das suas metas educativas, pressupondo que elas existam, obviamente.

Já na terapia de grupo, o que se dá é a colocação em pauta de algum assunto que interesse a turma ou se discuta algum problema que incomode o grupo, questões de relacionamentos, insatisfação com algo ou uma demanda emergencial surgida do cotidiano da classe ou ainda de algum aluno em especial.

Nesses casos é muito comum o professor atuar, percebendo ou não, como um conselheiro ou mediador de debates, evidentemente não negamos a importância desses dois papéis, que inclusive fazem parte do trabalho do professor, mas deve-se lembrar de que não se faz filosofia dessa forma. Nesse movimento, há sim um afastamento da filosofia em relação à sala de aula.

Outro ponto a ser analisado é a posição do docente em relação às grandes questões que se colocam como importantes de serem discutidas, especialmente no âmbito da aula de filosofia. Normalmente o professor possui seu ponto de vista e, se isso não for objeto de atenção e cuidado pode acabar determinando o resultado das discussões em sala de aula. Por outro lado, em outras situações pode inibir, mesmo que sem intenção ou percepção, a participação de alguns alunos nas discussões, especialmente quando o aluno pensa diferente do professor.

Há um pensamento ou posicionamento que deve ser evitado, que é a visão dualista da sociedade. O olhar que coloca a sociedade dividida entre poderosos e oprimidos ou desfavorecidos. Esse discurso, muito comum em aulas com discussões

sociais ou questões éticas pertinentes à sociedade, acaba por inibir ou afastar o pensamento ou uma visão sociológica mais ampla de mundo.

A sociedade hoje é muito mais complexa, há uma interdependência e inter-relação entre tudo, o que em um contexto possui um significado, em outro contexto possui outro, vivemos um período de diminuição de situações de simples causa e efeito, a sociedade hoje é planetária, os problemas são globais, a mobilidade social e cultural não é absoluta, mas de certo rompe com a visão outrora dominante que sempre colocou situações sociais como resultado determinado por disputas de desiguais.

Nossas certezas devem ser relativizadas e isso precisa ser a sombra do professor de filosofia, ao fincarmos pé em nossas convicções frente aos alunos, especialmente as crianças, contribuimos para que eles assim o façam no decorrer da sua vida.

Erro e ilusão parasitam a mente humana desde o aparecimento do homo sapiens. Quando consideramos o passado, inclusive o recente, sentimos que foi dominado por inúmeros erros e ilusões. Marx e Engels enunciaram justamente em A ideologia alemã que os homens sempre elaboraram falas concepções de si próprios, do que fazem, do que devem fazer, do mundo onde vivem. Mas nem Marx nem Engels escaparam destes erros. (Morin, 2010. pág. 19)

Isso nos remete à necessidade de adotar extrema cautela nas aulas de filosofia. Trata-se de estimular o pensamento, não de conduzi-lo ou guiá-lo, isso fica mais fácil, para não dizer natural, quando assumimos para nós – professores – uma visão complexa de mundo.

Corroborar isso o pensamento de Aspis:

Aquele capitalismo clássico que estudamos na escola já não existe mais nessa realidade muito mais complexa e de rápidas transformações. Estamos dentro de um labirinto de espelhos sem nem mesmo conseguir saber quantos lados há, sem conseguir vislumbrar uma saída, sem, nem mesmo, nos lembrar de sair. Não há dois lados. Não podemos falar mais com tanta certeza em interesses de classes. Não podemos mais pensar em antagonismo, os antagonismos se multiplicam a cada dia. O homem de hoje vive, antes de mais nada, um antagonismo consigo mesmo: busca, a qualquer preço, afirmar uma individualidade no “ter” sem encontrar subsídios para formar uma subjetividade no “ser”. (Aspis, 2010)

Esse raciocínio deve acompanhar o professor de filosofia em todas as suas aulas, cuidando com o que fala e com a forma como pode conduzir as discussões com seus posicionamentos.

Entretanto, muito do que se escreve por aí acerca do ensino de filosofia no âmbito do fundamental I e II é produzido por professores ou teóricos que nem sempre estão em sala de aula, alguns talvez nem tenham estado nesse nível de ensino.

Chamamos atenção para esse fato, porque na prática a aula de filosofia carece de um engajamento dos alunos para ocorrer, ou seja, se estamos tratando de um espaço ou momento no qual o que se faz é a busca coletiva dos conceitos, estamos obviamente falando de participação dos alunos.

Evidentemente, essa participação não ocorre sempre com qualidade e talvez nem mesmo ocorra em todas as aulas; os motivos são diversos e não cabem ser analisados no escopo desse trabalho, mas podem e devem ser citados aqui, mesmo que a lista não esteja completa; Inexistência de interesse pela discussão e seu assunto, que pode ser originada pelo assunto distante da realidade ou pela abordagem pouco estimulante, indisciplina, não continuidade dos temas em virtude de termos geralmente uma aula por semana, imaturidade dos alunos para certos temas, etc.

A lista é longa e suscita outros trabalhos para sua análise, mas o que deve ser levado em conta é que, por vezes, os alunos ficam contando seus casos, suas histórias, suas angústias. Existem ocasiões nas quais o professor deve falar a partir de uma posição mais *professoral*, ou seja, com aula expositiva ou outra forma que o valha, mas ainda assim, monopolizando a fala, portanto, expondo ou teorias ou pontos de vistas.

É possível afirmar que uma aula de Filosofia no ensino fundamental possui momentos filosóficos, tem-se a preparação da aula, o estímulo do aluno para a discussão *stricto sensu* e quando ela ocorre, dura pouco tempo, logo se perde novamente.

Esse movimento não invalida a aula e a eficiência da filosofia nesse nível de ensino, mas nos coloca em obrigatoriedade de analisar com cuidado as críticas que se faz ao professor quando se afirma que a aula de filosofia é terapia em grupo, debates sem fundamentos ou simples bate-papo, talvez ela tenha um pouco disso tudo, mas ainda assim tem em seu núcleo a investigação filosófica.

O QUE ENSINAR NAS AULAS DE FILOSOFIA.

Eis aí outro ponto importante a ser analisado; o que deve ser ensinado em uma aula de filosofia, talvez seja pertinente começar esse tópico exatamente pelo ponto em que terminamos o anterior.

Quando as crianças estão conversando, ainda que não seja uma conversa filosófica ou de busca conceitual, embora reiteramos que esse deve ser o esforço, deve existir uma conduta para que essa conversa aconteça de fato.

Esse esforço ou ensinamento caminha no sentido do aprendizado da conversa em grupo que possui alguns pressupostos: Deve-se aprender a falar de forma a ser compreendido pelo grupo, isso exige poder de síntese ou de tradução.

Quando uma criança fala algo e o professor solicita que ela fale novamente usando outras palavras porque hipoteticamente ele ou a turma não compreendeu, o aluno está sendo estimulado a repensar o pensado, a formular outra forma de expressar a mesma ideia ou situação. Essa capacidade é extremamente importante, porque não dizer essencial em uma conversa ou investigação filosófica, e, ainda que não seja utilizada na aula de filosofia é, sem dúvida, benéfica para todas as outras disciplinas do currículo.

Não são poucos os que afirmam que para ensinar ou estimular os alunos a pensarem com mais amplitude não precisa ter aula de filosofia, sem dúvida que sim, a questão – polêmica – é: outras disciplinas têm tempo, disponibilidade ou espaço para fazerem isso? Muito se fala sobre ensino reflexivo ou filosófico, mas cada vez mais se corre atrás de resultados mensuráveis, provas, índices e indicadores.

Ainda no âmbito da prática em aula, quando um aluno expressa uma opinião ou relata um acontecimento e o professor pede para que outro aluno repita o que foi dito, porém, em outras palavras, ocorre uma potencialização do que foi expresso a pouco, a capacidade de tradução e síntese é potencializada porque implica na capacidade – e hábito – para ouvir, para a prática da escuta atenta, essa cada vez mais difícil nos dias atuais.

Decorre disso tudo que antes mesmo de chegar à busca conceitual ou filosófica especificamente falando, o aluno já foi estimulado a uma prática e uma postura extremamente benéfica e positiva, postura essa que o auxiliará em toda a caminhada acadêmica, a capacidade de ouvir, de se expressar, de argumentar, dito de outra forma, há também um componente comportamental que é importante para a prática da filosofia

e que pode ser ensinado em outras disciplinas, mas que na aula de filosofia se faz ou se pode fazer com excelência.

Retomando para explicitar claramente, não defendemos aqui um ensino de filosofia estritamente conceitual ou *conteudista*, o que acreditamos é que a postura ou o *modus operandi* adquirido nas aulas de filosofia é, para as crianças, tão importante quanto conceitos e histórias da filosofia. O ensino ou a possibilidade de posicionar-se diante do mundo com a curiosidade típica da criança deve, a nosso ver, ser o cerne da atividade, tendo isso em vista é possível afirmar que importante, de fato, é a forma como olhamos ao redor, a forma como nos espantamos com o mundo.

A filosofia presta um papel importante na educação da juventude quando permite a possibilidade - nunca a certeza - de se colocar diante do mundo como diante de um texto, onde todos os pontos tem uma ligação, mas também onde cada ponto não enxerga muito mais do que suas cercanias. Transpor os discursos para patamares distintos, exigir racionalmente que as consequências de um argumento se mostrem, traduzir em diferentes linguagens um texto que inicialmente pareceu vazio e óbvio: essa é uma tarefa que a filosofia pode tentar fazer. Negar que o óbvio esteja em toda parte e utilizar rigorosamente da argumentação são modos de se aproximar com método da leitura das coisas. E, ao fim, qualquer recurso pode ser utilizado como exercício: o recurso será uma representação do mundo. (Pagotto-Euzebio, 2007)

O que se pretende, então, a partir do contato com esses recursos, é o desenvolvimento do pensamento investigativo, porém isso é muito vago. É preciso ir além para que possamos compreender o que se entende com isso. Importante nesse momento buscar esmiuçar o assunto para mapearmos o que um professor de filosofia deveria alcançar com suas crianças com vistas a instrumentalizar esse pensamento investigativo.

Lipman elenca algumas habilidades que considera relevantes no sentido de adquirir a competência do pensar de modo investigativo, a saber:

- Saber observar bem;
- Saber formular questões ou perguntas substantivas;
- Saber formular hipóteses;
- Saber buscar comprovações;

- Estar predisposto a autocorreção.

Talvez antes de adentrar em cada uma das condições citadas acima seja adequado conceituar competência e habilidade, conceitos cada vez mais usados no universo acadêmico, de certa forma criticados por alguns, mas que devem ser cada vez mais objeto de nossas preocupações enquanto formadores ou educadores.

Muitas são as formas de expressar ou descrever o que é habilidade, como não é o foco desse trabalho, vamos apenas usar uma síntese que de forma humilde, talvez até incompleta, caminhe no esforço de um conceito. Isso é relevante nesse ponto porque possivelmente na filosofia com crianças se trabalhe mais com habilidades e competências do que com conceitos fechados como já dito.

Entendemos competência como sendo o conjunto das modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetivos, situações, fenômenos e pessoas.

Ainda no campo dessa conceituação por habilidades temos que são características que decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano “saber – fazer”. Por meio das ações e operações as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

De acordo com Loriger, com quem concordamos:

Essas habilidades correspondem às etapas ou momentos (que sempre ocorrem de maneira integrada) do método da investigação científica. É inegável que tal método trouxe para a humanidade grandes benefícios em termos de produção de conhecimentos, pois é produtivo e, por isso, merece ser aprendido e utilizado, mesmo sabendo de suas limitações para certas questões. (Loriger, 2004, p. 76).

Existe ainda outro aspecto que deve saltar aos olhos de quem se preocupa com a educação: A formação global dos estudantes e a qualidade do material humano que o ensino fundamental e médio têm entregado às universidades. Embora esse não seja o escopo desse texto, toda escrita ou reflexão que esteja apartada do ensino como um todo ou não esteja a serviço deste deve ser olhada com cautela.

Nesse sentido é pertinente lembrar que muitas universidades têm tentado trabalhar com a pedagogia por projetos; Nessa vertente os alunos usam em abundância o trabalho com questionamentos, hipóteses e busca por alternativas. Relatos de

professores universitários, dentre os quais fazemos parte, dão conta de que grande parte dos alunos de graduação e pós – graduação não demonstram nem competência nem grande disposição para o trabalho com pesquisas.

A prática da filosofia na educação, especialmente se iniciada nas idades mais tenras, certamente contribuiria para a formação de alunos universitários com mais capacidade criativa e investigativa.

DA HABILIDADE DE OBSERVAR

Evidentemente, todos observam o mundo a partir e pelos sentidos; É possível afirmar que nossos olhos, mãos, bocas, narizes e ouvidos são nosso contato com o mundo, mas como interpretamos aquilo que chega até nós é que nos diferencia.

A forma como sentimos o gosto das coisas, como entendemos a importância e profundidade das cores, ou seja, como nos posicionamos frente ao mundo e sentimos seu gosto, varia não só de pessoa para pessoa, mas também varia no próprio indivíduo em função de diversos fatores. Essa diversidade de olhar e sentir produz diferentes formas de conceber o mundo e a realidade.

Rios (2008) afirma que precisamos aprender a reparar, não apenas olhar. A observação do mundo que se pretende e se defende nesse tópico é aquela que visa ir além das aparências, trata-se do olhar que enxerga as filigranas do contexto em que se vive, que se busca as entrelinhas de um texto, defende-se aqui um olhar profundo.

Podemos chamar esse olhar de criativo, nessa visada adota-se a possibilidade de ampliar horizontes a partir do nosso relacionamento com o mundo, criam-se novos cenários, mudam-se paradigmas.

A questão é como isso se dá em uma aula de filosofia e como pode o professor dessa disciplina favorecer esse movimento?

Isso pode ser feito por qualquer professor, desde que decididamente interessado nisso, é possível desenvolver a habilidade de observar com mais cautela e profundidade com o uso de releituras de obras de arte, do trabalho com filmes, enfim, quando estimulamos as crianças a buscar semelhanças, a perceber implicações, a prestar atenção em mensagens subliminares estamos trabalhando com esse olhar mais apurado.

Creemos que seja possível afirmar que para que as crianças tenham a habilidade de observar bem um aspecto é incontornável; o professor deve ter esse hábito.

DA HABILIDADE DE FORMULAR QUESTÕES

Em geral fazemos muitas perguntas, especialmente na infância, porém conforme vamos crescendo deixamos de fazê-las, podemos atribuir isso ao sistema educacional, à vida em sociedade que é pautada cada vez mais pelas respostas prontas e pelo imediatismo, a certa vergonha de perguntar quando na adolescência.

Gardner, no brilhante “Olha quem está falando” nos mostra de maneira instigante como deveria ser o sistema educativo e o pensamento dos alunos. No livro, Joaquim, um garoto de aproximadamente oito anos, recebe por acaso a visita de um extraterrestre com mais ou mesmo a mesma idade que ele, Mika. Durante um dia, um tenta mostrar ao outro como é viver e ser pertencente aos seus respectivos planetas. A certa altura das conversas Joaquim faz uma pergunta a Mika e esse faz uma reverência. Joaquim estranha e pergunta ao amigo o porquê do seu gesto, o extraterrestre explica que de onde ele vem as respostas são importantes, mas valorizadas mesmo são as boas perguntas, aquelas que nos fazem pensar e nos colocam a investigar e, quando alguém faz uma pergunta como essa, é reverenciado.

A lembrança dessa história nos remete à necessidade cada dia premente de trabalhar com a habilidade de formular questões. Essa competência é decisiva para a vida em sociedade, para o sucesso acadêmico e profissional e, especialmente para que o aluno possa caminhar no sentido de questionar a si mesmo desde os aspectos mais pessoais até a forma como ele aprende.

Sabemos que o aluno pesquisador tem mais possibilidade de sucesso e facilidade de aprendizado, nesse sentido fazer boas perguntas passa a ser um diferencial, decorre daí a mesma questão do item anterior: Como trabalhar isso com alunos do ensino fundamental, tanto na aula de filosofia como em qualquer outra aula?

Isso pode ser feito a partir da leitura de textos e estímulo a perguntas sobre os mesmos, temos por hábito ler e explicar. O que se propõe é que os alunos sejam estimulados a fazer questões que podem ser anotadas na lousa, pode-se pedir aos alunos que agrupem questões por afinidade de assunto ou grau de dificuldade, desta forma estimulamos a habilidade de raciocínio investigativo, a prática de analogias, a busca de similaridades e de refinamento do ponto de vista. Questões aparentemente simples demais ou eventualmente mal formuladas são refeitas pelos alunos, desenvolvendo a noção de autocrítica e de argumentação quando lhes é pedido para justificar a questão.

Para encerrar esse tópico vale o mesmo alerta que o anterior, alerta esse que estará nos tópicos seguintes, não se ensina o que não se faz, portanto se o professor não é essencialmente questionador ou curioso, esse esforço tende a ser em vão.

DA FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

Uma prática bastante aconselhável para as crianças é o hábito de jogar xadrez. Isso porque sabidamente essa atividade desenvolve o raciocínio baseado em hipóteses, os jogos de estratégia nos obrigam a pensar em situações possíveis, em imaginar os passos do oponente. Contudo, como podemos trabalhar essas estratégias de pensamento didaticamente, formalmente e dentro do contexto escolar? Certamente não terceirizando essa atividade, por isso a alusão ao jogo de xadrez.

Uma vez que desenvolvemos a habilidade de observar criteriosamente com o objetivo de ampliar os horizontes dos alunos, uma vez alargado e aprofundando o modo como eles percebem a realidade e, conseqüentemente levantam questões sobre o que veem, é muito pertinente e até esperado que dessas questões surjam possíveis respostas, a isso damos o nome de hipóteses.

Para que alguém seja capaz de formular boas hipóteses, é necessário que tenha capacidade de imaginar, supor, criar alternativas, inventar, etc. Tudo isso está diretamente ligado ao pensamento criativo, uma das competências muito exigidas hoje de todos nós, para podermos nos orientar melhor numa época de tantas mudanças, de tantos desafios novos para os quais não temos receitas prontas nem regras definitivas. (Lorieri, 2004, p. 80).

A formulação das hipóteses é altamente estimulada quando as crianças são incitadas a responder as questões elaboradas por elas mesmas, isso pode ser feito em qualquer disciplina.

Uma vez que em certos momentos as crianças são estimuladas a perguntar, mas recebem as respostas prontas, sua capacidade de levantar e testar hipóteses vai ficando atrofiada, como um músculo que não se utiliza.

Pensar mecanicamente sempre copiando ou seguindo o pensamento de um autor, do professor ou do que quer que seja, é o caminho mais fácil para um empobrecimento da capacidade criativa.

BUSCAR COMPROVAÇÕES

Existe um dito popular que afirma que achamos muito e sabemos pouco, pode ser verdade na medida em que costumeiramente não buscamos comprovações para muito do que ouvimos, lemos ou nos deparamos ao longo da vida.

No ensino de filosofia os alunos são introduzidos no universo da lógica, nesse momento conhecem regras de dedução e indução, iniciam o trabalho com analogias e metáforas, tomam ciência do que seriam as falácias e com isso se habitua a buscar comprovação no que ouvem e naquilo que falam.

Essa habilidade pode ser desenvolvida de diversas formas por diferentes caminhos, mas certamente o processo é mais fácil e eficaz quando somos incitados a verificar nossa fala, a averiguar argumentos e premissas, a medir a intensidade de nossas convicções.

Quando pedimos a um aluno que repita alguma coisa que ele disse, ou que diga de outra forma, ele necessariamente terá que refazer o raciocínio para encontrar outra forma de explicitar o que acabou de dizer, sem deixar de ser convincente. Nesse movimento, mesmo que de forma inconsciente, ele estará comprovando a validade do que afirmou.

Buscar comprovações é tentar comprovar hipóteses, uma vez não comprovada, a mesma terá que ser refeita e, novamente entramos em um círculo virtuoso de questionamento, levantamento de hipótese e busca de comprovações.

O que se faz então é dentre outras habilidades, provocar o hábito de buscar fontes para sustentar as opiniões e embasar teses, nada diferente do que se espera de um adulto, mas nem sempre colocado em prática no ambiente escolar.

Outro ponto importante, esse não apenas filosófico, mas atitudinal, quando um aluno vê suas ideias serem questionadas ele está aprendendo a não tomar posse da razão, a estar aberto para questionamentos e, em um nível mais avançado, a apropriar-se das ideias dos outros para, somada à sua, construir outros modelos para o mesmo problema.

Em todos os espaços da vida em sociedade tem-se falado cada vez mais em trabalhos e atitudes interdisciplinares, o que é isso senão a busca pela comprovação das ideias e o esforço para unir conhecimentos?

DA AUTOCORREÇÃO

Quantos casos conhecemos envolvendo violência que são decorrentes de incompreensão e intolerância? Certamente muitos. Evidentemente o ensino de filosofia não deve ser confundido com educação moral ou com aula de ética, mas certamente a disciplina colabora nessa frente também.

Vejam; ao escolher um caminho ou uma linha de pensamento o aluno toma uma posição, é natural que ele deseje defender essa tese de todas as formas possíveis, uma vez habituado à prática da filosofia ele buscará comprovações para seu argumento, mas, uma vez que ele perceba por meio das colocações dos colegas que sua opinião não é necessariamente a melhor ou que apenas sua ótica não dá conta de resolver uma questão, ele precisará rever seu argumento.

Nas palavras de Lorieri (2004, p.82), com as quais concordamos fortemente “É fundamental ter disposição para a autocorreção, um excelente caminho para a sabedoria”.

Reconhecer erros é fundamental para rever o olhar e reelaborar hipóteses, isso significa entender que um ponto de vista é apenas a vista de um ponto.

Quando um aluno afirma ter mudado de ideia e adotado outra forma de olhar uma situação, seja ela qual for, ocorreu a autocorreção, nesse momento, se não houve um aprendizado filosófico, houve um ganho em sabedoria.

Todos esses conhecimentos têm como objetivo possibilitar aos alunos viverem de forma a escolherem seus caminhos e iluminar com seus pensamentos suas escolhas.

CONCLUSÃO

A educação tem sido uma área da atividade humana na qual parece haver especialistas surgindo a todo instante, poucas áreas demonstram tanta abertura para comentários e teorias.

Com a introdução da filosofia no ensino fundamental a situação não é diferente, há muitos que julgam que não é o momento adequado de fazê-lo dada a condição da criança, outros a criticam nesse estágio por conta de uma pretensa falta de qualificação docente, enfim, os motivos são muitos.

Nesse trabalho procurou-se fazer um contraponto sem nunca desejar expressar alguma verdade absoluta, isso nem seria filosófico, o que defendemos é que nenhuma

disciplina deve ser colocada em condições inatingíveis para qualquer aluno de qualquer idade.

A filosofia mais do que um conteúdo pode ser uma postura docente. Essa deve estar a serviço de uma educação que permita ao aluno ser aquilo que naturalmente ele é quando inicia sua caminhada escolar, criativo.

Nesse sentido a filosofia pode contribuir muito para uma educação que concorde com o poeta Antonio Machado: para ele não existe caminho, o caminho se faz ao caminhar.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. **Problematização de alguns pressupostos do ensino de filosofia para jovens.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt17/gt171016int.rtf>.

EUZEBIO-PAGOTTO, Marcos Sidnei. **A Leitura Filosófica.** Material de discussão do NEFIC – Núcleo de Estudos de Filosofia com Crianças. São Caetano do Sul, 2007.

GAARDER, Jostein. **Ei ! tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** S. Paulo: Abril Cultural, 2a ed. 1983, [Coleção “Os Pensadores”]

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação.** Trad. Ann Mary F. Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____,Matthew. **A filosofia vai à escola.** Trad. Maria Elice de B. Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990. 2ª ed.

LORIERI, Marcos Antônio. **Aprender a investigar na educação básica.** Revista EccoS – Ver. Científica – UNINOVE, v. 6, nº 2, p.67 – 85. São Paulo, 2004.

MORIN, Edgar - **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001. 3ª ed.

_____, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 8ª ed.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: Por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2010. 8ª ed.